

Pesquisa Clínica em Psicanálise Comunicação de Pesquisa

Para citar esse texto use a seguinte referência: FIGUEIREDO, A. C. ; NOBRE, L. ; VIEIRA, M. A. . Pesquisa clínica em psicanálise. Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ), Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 139-144, 2002.

[Capa e índice](#)

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe;
mas vem em seguida outra, em que se ensina o
que não se sabe: isso se chama *pesquisar*.”
(BARTHES, R.)

A partir do trabalho desenvolvido na equipe¹ da *Pesquisa Clínica em Psicanálise* no Instituto de Psiquiatria – IPUB/UFRJ ao longo dos dois últimos anos, elaboramos um método que visa formalizar essa experiência no desafio de sustentar uma clínica psicanalítica e sistematizá-la no âmbito da pesquisa universitária. Constituímos assim uma proposta de trabalho que se estabelece para além do “ensino dogmático-crítico”, que nos daria apenas um saber *sobre* a psicanálise, visando retomar o vigor do “fazer psicanalítico” no próprio ato da pesquisa.

Certamente, *pesquisa* é um termo caro à universidade, já que sua prática recebe aí uma definição bastante precisa de seus parâmetros, tendo assim delimitado um campo próprio de eficácia e de ação. Houve época em que este campo era relativamente indefinido no universo acadêmico. Todo professor universitário tinha tarefas precisas de ensino e, além disso, era imprecisamente solicitado a pesquisar. Hoje em dia, em termos gerais, a prática da pesquisa na universidade encontra-se bem mais demarcada em seus meios e direcionada em seus objetivos. Tem em seus produtos e no volume de suas publicações, o referencial de avaliação e validação científicas que lhe conferem lugar de destaque na produção de conhecimento atual. Mas, deixemos de lado, por enquanto, uma discussão mais ampla sobre as conseqüências deste tipo de orientação de pesquisa, dita “mais científica”, para os destinos não só da universidade como do saber, ou do conhecimento, que vem sendo produzido nesse âmbito e retornemos a Freud. Lançando, em 1919, uma interrogação sobre a viabilidade do ensino da psicanálise na universidade, Freud (1919, p.) não apenas estabelece a partir

¹ - A equipe da *Pesquisa Clínica em Psicanálise* conta atualmente com um total de 15 (quinze) pesquisadores, sendo 03 (três) doutores, 02 (dois) mestres, 06 (seis) alunos de Pós-Graduação, 03 (três) especialistas e 01 (um) aluno de Iniciação Científica.

daí, uma articulação possível entre esses dois campos distintos do saber como também circunscreve o que há de específico em cada um deles, acabando por concluir: “Em suma, cabe afirmar que a universidade só pode beneficiar-se pela inclusão do ensino da psicanálise em seu currículo”.

Portanto, como já assinalado, a proposta da *Pesquisa Clínica em Psicanálise* é a de constituir um saber que não seja apenas sobre a psicanálise em seus fundamentos teóricos, e sim a partir da clínica psicanalítica, na medida em que esta opera na instituição universitária e no campo da saúde mental. Para a efetivação de tal proposta, temos à nossa disposição tanto o ambulatório quanto a enfermaria do Instituto para o atendimento dos pacientes, o que nos permite, com nossa pesquisa, não só formar pesquisadores em psicanálise bem como ampliar a possibilidade de prestação de serviços clínicos à comunidade. Afinal, a própria junção entre teoria e prática só pode ser realizada no exercício permanente da clínica onde os pressupostos teóricos que a fundamentam podem ser postos à prova. Esses pressupostos fazem parte de um campo conceitual que Freud denominou “metapsicologia” e que subsume os seguintes conceitos fundamentais: Inconsciente, Pulsão, Transferência e Repetição. Cada um desses conceitos se articula entre si e remete a outras formulações, tecendo a teoria a partir da experiência clínica.

Nesse ponto, vale ressaltar que as ciências humanas sempre se situaram no abismo entre a objetividade matemática e a subjetividade do espírito. Objetivar o subjetivo já foi um de seus lemas. Hoje busca-se um método que torne seus resultados aferíveis de um ponto de vista quantitativo sem que a pesquisa deixe de ser uma pesquisa qualitativa, pois reconhece-se que algo do objeto em questão se perderá se aplicarmos ao campo das ciências humanas, as exigências de experimentação objetivas das ciências exatas.

A psicanálise é uma saída para a bipolaridade descrita acima. A partir dela, podemos considerar uma alternativa a estes dois modos de apreensão do fenômeno, saindo do impasse estabelecido pela dicotomia entre estes dois pólos delimitado pelas seguintes questões: Estamos no campo das ciências humanas mais dependentes de uma energética ou de uma hermenêutica? A própria especificidade da psicanálise está em jogo. Ela é uma hermenêutica? Uma ciência humana? Ou uma *Naturwissenschaft* como queria Freud, oposta à psicologia, sociologia e mais próxima da física e da biologia?

Enfim, a psicanálise precisa de um método em que os binômios teoria e prática, objetivo e subjetivo, sujeito e objeto, sejam deslocados, ou seja, não estejam nos pressupostos do próprio método. Este método, entretanto, deve atender às condições mínimas de cientificidade e rigor experimental para que seus resultados possam ser interpretados à distância por diferentes equipes de pesquisadores. Uma vez tal método constituído compreende-se sua importância e aplicação em todo o campo das ciências humanas, assim como no da saúde mental, por permitir que se avalie o atendimento do sofrimento psíquico sem que seja necessária sua objetivação direta.

Passemos, então, a uma breve descrição do método tal como ele vem sendo formalizado e aplicado em nossa equipe de pesquisa:

- 1- Dentre os pesquisadores, definem-se aqueles que, por já desenvolverem uma prática clínica, irão se submeter ao método que recolhe e registra sua produção. Cada analista, na particularidade de seu interesse e de seu estilo, traz à equipe o relato de um caso de sua clínica de onde extrai uma questão. Esse material deverá ser apresentado na forma de um texto inicial que exprimirá o recorte que ele fez do caso. Tal recorte servirá de eixo condutor para a discussão de toda a equipe. As discussões são gravadas e, ao final de sua apresentação, o analista tem por tarefa utilizar-se desse material para escrever um novo texto que fixe, no caso, os

efeitos da discussão então realizada. Não nos propomos a gravar as sessões ao longo do tratamento pois entendemos que não se trata de registrar fidedignamente os enunciados em sua totalidade. A introdução de um gravador pode ter como efeito a intromissão de um terceiro – uma variável interveniente – que poderia prejudicar de modo irremediável o pacto transferencial com o analista, penalizando o que há de fundamental no trabalho psicanalítico. Desta forma, optamos por registrar em gravador o que diz respeito ao tratamento somente na discussão em equipe, realizada semanalmente e transcrita com a finalidade de incluir a produção do analista sobre o caso.

- 2- O funcionamento do método se dá, então, em dois tempos: no primeiro, a discussão é produzida e gravada a partir do relato do analista; no segundo, ocorre a apresentação de um novo texto já atravessado pelos efeitos da discussão. Favorecendo o diálogo entre os dois escritos, registra-se o resultado do encontro de uma concepção do caso com o que se depositou dessa discussão num saber que chamamos de “coletivo” no sentido de uma coleção de enunciados, uma polifonia que reverbera no registro da gravação onde a enunciação circula. Entre os dois textos está a elaboração sobre o caso.

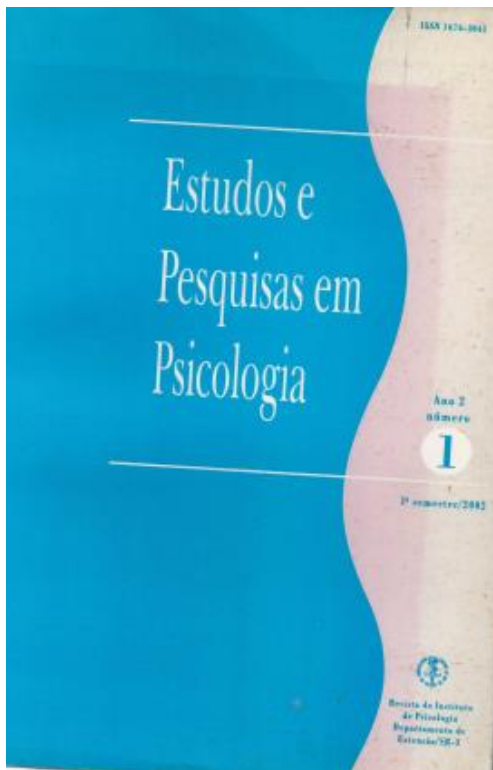
Sendo assim, a aplicação da metodologia proposta nos possibilitará traçar, como já vem ocorrendo em nossas reuniões de pesquisa, interessantes distinções como, por exemplo, aquela entre história e caso que nos permitirá não só promover a construção do caso clínico bem como acompanhar as conseqüências desta construção ao longo de todo tratamento. Enquanto o relato clínico que se apresenta rico em detalhes, cenas e conteúdos configura o que chamamos de história, o caso se apresenta como o produto do que se extrai das intervenções do analista na condução do tratamento e do que é decantado de seu relato. Para tanto, é condição necessária que o dispositivo analítico seja colocado em ação.

- 3- Esses textos vão compor um *corpus* de dados que servirá à transmissão dos operadores conceituais da psicanálise. Acreditamos dispor, desse modo, de uma maneira suficientemente precisa de avaliar os efeitos então produzidos. Cada caso é extensamente documentado, através de: registro das discussões nas reuniões de equipe, produção dos pesquisadores sobre cada caso apresentado na forma de dois textos que registram dois momentos de discussão, artigos sobre determinado tema evocado na discussão dos casos, estudos e resumos de determinado tema aprofundado nas discussões que compõem o acervo da pesquisa. Sendo assim, as questões teórico-clínicas levantadas nas reuniões semanais da equipe e também em seminários de leitura servirão de subsídios para os subprojetos individuais dos pesquisadores e alunos da Pós-Graduação e Graduação, permitindo-nos articular a pesquisa ao ensino.

Nesse momento, estamos viabilizando a implantação de um *software* para a leitura dos dados e acervo destas produções ao longo da pesquisa, o qual denominamos *Ipublish*. *Ipublish* é um *software* de gerenciamento de informações com o propósito de armazenar e recuperar os documentos digitais que compõem o material teórico-clínico produzido pelos pesquisadores. O *software* mantém um cadastro dos pesquisadores, casos clínicos, temas, reuniões, documentos e palavras-chave.

Encontra-se, deste modo, à disposição de cada pesquisador, um material clínico diversificado, uma reflexão sobre a ação do analista e uma produção teórica sobre isso. As

pesquisas individuais deverão se desenvolver, portanto, segundo recortes específicos a partir desse *corpus* de elementos essenciais da clínica psicanalítica que permite aos pesquisadores aproximarem-se do modo de operar da psicanálise.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Instituto de Psicologia
NEIDE PASSOS DE FREITAS AL-CICI
Departamento de Fundamentos de Psicologia
ELIANE MARY DE OLIVEIRA FALCONE
Departamento de Psicologia Social e Institucional
MAHISA LOPES DA ROCHA
Departamento de Psicologia Clínica
VERA LÚCIA TRINDADE GOMES

Sub-Reitoria de Graduação/SR-1
ISAC VASCONCELOS
Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa/SR-2
MARIA ANDRÉA RIOS LOYOLA
Sub-Reitoria de Extensão e Cultura/SR-3
ANDRÉ LAZARO

Edição Responsável
Ariane Patrícia Ewald
Deise Mancebo

Comissão Editorial
Ana Maria Jacó Vilela - UERJ
Ariane Patrícia Ewald - UERJ
Deise Mancebo - UERJ
Eleonora Torres Prestes - UERJ

Conselho Científico
Abraão Yamayo - UERJ
Célio Sá - UERJ
Jefferson Machado Pinto - UFMG
Maria Helena Neves Mira - PUC/RJ
Luiz Carlos Nogueira - USP
Maria Lúcia Saúl de Moura - UERJ
Regina Duarte Bonafante de Barros - UFF

Assistente de Edição/Preparação de Originais e Revisão Gramatical
Cláudio Vilela de Oliveira Pinto
Eliana Guedes Cardoso
Centro de Educação e Humanidades
LINCOLN TAVARES SILVA

Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524 - sala 10.920 - bloco B, Maracanã.
CEP: 20.550-013, Rio de Janeiro - RJ Tel./Fax: (21) 2587.7552
<http://www2.uerj.br/psicologia/publica.html>

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/PBOTAT

E82	Estudos e pesquisas em Psicologia. Ano 1, n. 1 (2001) - Rio de Janeiro : UERJ, Instituto de Psicologia, 2001- v. Semestral ISSN 1676-3041	- Rio de Janeiro - UERJ, Instituto de Psicologia, 2001- v. Semestral ISSN 1676-3041
1. Pesquisas psicológicas - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.		
CDU 159.9.07(051)		

NAPE/DEPEXT/SR-1/UERJ
 Rua São Francisco Xavier, 524, Sala 10.9A, Bloco B - Maracanã
 CEP 20.550-013 - Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 2587-7163 / 2587-3390 - e-mail: nape@uerj.br
 Coordenação de Psicologia: Lucio Melo, Próprio Gráfico e Caps Gráfico, Ilustração: Ilustração
 Layout de Ilustração: Renata, Ilustração: Ilustração (UERJ)

SUMÁRIO

EDITORIAL		
Publicando em Psicologia: a urgência de novas construções teóricas <i>Ana Maria Jacó Vilela, Ariane Patrícia Ewald, Deise Mancebo, Eleonora Prestes</i>		5
ARTIGOS		
O Desenvolvimento Infantil no Contexto das Práticas Profissionais de Saúde: um estudo de representações sociais <i>The CHILD DEVELOPMENT AND THE HEALTH PROFESSIONAL PRACTICES A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS</i> <i>Denise Cristina de Oliveira/Angela Theresia de Alavenga</i>		9
Problemas de Aquisição de Leitura e Escrita: efeitos de déficit de discriminação fonológica, velocidade de processamento e memória fonológica... <i>READING AND WRITING ACQUISITION PROBLEMS: ASSESSING THE INVOLVEMENT OF COGNITIVE DEFICITS PERTAINING TO PHONOLOGICAL DISCRIMINATION, PROCESSING SPEED, AND PHONOLOGICAL MEMORY</i> <i>Fernando C. Capovilla/Alexandra G.S. Capovilla</i>		29
A Difusão da Psicanálise no Brasil na Primeira Metade do Século XX - da vanguarda modernista à rádio-ovelha <i>THE DIFFUSION OF PSYCHOANALYSIS IN BRAZIL IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY - FROM MODERNIST AVANT-GARDE TO RADIO SOAP OPERAS</i> <i>Jane A. Russo</i>		53
A Relação Mãe-Criança: controvérsias e perspectivas na Psicanálise <i>THE CHILD-MOTHER RELATIONSHIP: CONTROVERSIES AND PERSPECTIVES IN PSYCHOANALYSIS</i> <i>Andréia Hortália Fernandes</i>		65
Ugo Pietsch <i>UGO PIETSCH</i> <i>Rogério Centofanti</i>		75
Ephrateia Tokouso: o "combate às drogas" e a regulação dos prazeres <i>EPHRATEIA TOKOISO: THE "DRUG COMBAT" AND THE PLEASURE REGULATION</i> <i>Carla Mourão</i>		95
As Modernidades Cindidas: um estudo sobre as condições de surgimento do campo psicológico em sua multiplicidade <i>THE DIVIDED MODERNITY: A STUDY ABOUT THE CONDITIONS OF THE POSSIBILITY OF THE PSYCHOLOGY IN ITS OWN MULTIPLICITY</i> <i>Arthur Arruda Leal Ferreira</i>		111
Expressividade e Instrumentalidade em Mulheres Brancas e Negras <i>EXPRESSIVENESS AND INSTRUMENTALITY IN BLACK AND WHITE WOMEN</i> <i>Carmen Luiza Houzara Ferreira/Maria Cristina Ferreira</i>		129
COMUNICAÇÃO DE PESQUISA Pesquisa Clínica em Psicanálise <i>Ana Cristina Figueiredo/Leticia Nobre/Marcus André Vieira</i>		139
COMUNICAÇÃO DE TESE Intuição e Arte de Cuidar: pensamento e ação na clínica médica <i>Maria Beatriz Leão Guimarães</i>		145
RESENHAS Naming the Mind: how Psychology found its language <i>Judith Zagwin</i>		153
MARCUSE: uma trajetória <i>Blanca Muñoz</i>		157
EM MEMÓRIA A Psicologia é uma Ciência que Ajuda a Entender a História e o Homem Atual <i>Eliezer Schneider</i>		163